



## A Revolução Russa e a Emancipação dos Judeus: reflexos na literatura

The Russian Revolution and the Emancipation of the Jews: reflections in the literature

**Saul Kirschbaum\***

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

saul.kirschbaum@gmail.com

**Resumo:** A luta pela Emancipação mobilizou as massas judaicas europeias ao longo de todo o século XIX e começo do século XX. Na Rússia, essa luta convergiu com a convulsão social que mobilizou toda a população e encontrou sua expressão máxima nas revoluções de 1917, que resultaram na queda do regime czarista e na implantação da União Soviética. No processo, os judeus criaram o *Bund*, entidade representativa dos trabalhadores, com visão de mundo socialista, e que teve papel de destaque na criação do Partido Operário Social Democrata, depois Partido Comunista. Paradoxalmente, os judeus continuaram sujeitos ao secular antissemitismo russo, mesmo depois do sucesso da Revolução. O envolvimento com a atividade revolucionária e as expectativas relativas à situação que poderia resultar do novo regime encontraram espaço na literatura produzida na época por escritores judeus.

**Palavras-chave:** Literatura judaica. Emancipação dos judeus. Revolução Russa.

**Abstract:** The struggle for Emancipation mobilized the European Jewish masses throughout the nineteenth and early twentieth centuries. In Russia, this struggle converged with the social upheaval that mobilized the entire population and found its maximum expression in the revolutions of 1917, which resulted in the fall of the tsarist regime and the establishment of the Soviet Union. In the process, the Jews created the *Bund*, representative of workers, with a clearly socialist worldview, which played a prominent role in the creation of the Social Democratic Labor Party, later the Communist Party. Paradoxically, the Jews continued to face the secular Russian anti-Semitism, even after the success of the Revolution. Involvement with revolutionary activity and expectations regarding the situation that could result from the new regime found space for reflection in the literature produced at the time by Jewish writers.

**Keywords:** Jewish literature. Emancipation of the Jews. Russian Revolution.

---

\* Doutor em Letras pelo Programa Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da Universidade de São Paulo (USP).



*[...] os judeus e russos, em seus contatos seculares, formam um símbolo das dificuldades que surgem no convívio entre os grupos humanos. O que o século XX, tecnológico e supostamente adiantado, reflete do mesmo modo que o século X, ora desprezado como medieval e retrógrado.*

(Marcos Margulies)

O propósito deste artigo é buscar os eventuais ecos que a questão da relação entre a Revolução Russa e a luta dos judeus do leste europeu pela Emancipação, ou seja, a obtenção de direitos civis compatíveis com os da população hospedeira, encontrou na literatura de ficção de autores judeus daquela região na época da Revolução. Pois, para falar como Emmanuel Lévinas, a literatura abre um acesso ao “fundo obscuro da existência”.<sup>1</sup> De uma forma ou de outra, toda obra de arte reflete a época vivida por seu autor.

Apenas para contextualizar, para entendermos a situação dos judeus no império czarista no final do século XIX e início do século XX, acho útil trazer algumas considerações históricas relevantes.

Os judeus estavam proibidos de viver na Rússia desde o reinado do czar Ivan IV, “o terrível”, no século XVI. Essa barreira perdurou até o final do século XVIII, quando Rússia, Prússia e Áustria moveram campanhas militares contra a Polônia, conquistando partes de seu território. As partições da Polônia tiveram como efeito que subitamente a Rússia passou a contar com a maior população judaica do mundo, cerca de um milhão de indivíduos.

Por falta de alternativas, a Rússia concedeu aos judeus direito de residência. Mas isso com severas restrições:

- 1) foi criada uma Região de Assentamento (ou Distrito de Residência, em inglês *Pale of Settlement*), formada pelas províncias anexadas da Polônia e depois expandida com áreas no sul da Ucrânia e no litoral do Mar Negro; este confinamento territorial perdurou até 1917 – sua abolição foi uma das primeiras medidas do regime instalado pela Revolução de Fevereiro; a Região de Assentamento foi criada por lei em 1791, proibindo os judeus de deixarem permanentemente as províncias recentemente adquiridas em consequência das guerras travadas contra a Polônia;<sup>2</sup>
- 2) foram concedidos privilégios a uma pequena minoria de judeus, em caráter individual e precário; a essa minoria era permitido viver fora da Região de

---

<sup>1</sup> LÉVINAS, 1998, p. 70.

<sup>2</sup> ETTINGER, 1997, p. 757.



Assentamento, até mesmo em Moscou; Ettinger assinala que “em 1778 a Rússia foi dividida em províncias, e seus habitantes classificados em várias categorias: os poucos judeus ricos foram registrados como mercadores e incluídos nas guildas, enquanto os demais foram classificados como ‘cidadinos’”;<sup>3</sup>

3) os judeus foram proibidos de exercer determinadas atividades, tais como arrendamento de terras, hospedagem e comércio de bebidas alcoólicas, sob alegação de que eram atividades que prejudicavam os camponeses russos; foram excluídos da agricultura – mas, em consequência da incapacidade da Rússia de ocupar produtivamente todo o território disponível, esta atividade foi incentivada para áreas escassamente povoadas;

4) incorporação de garotos judeus aos doze anos de idade em escolas especiais, preparatórias para o serviço militar a partir dos dezoito, com duração de vinte e cinco anos; essa medida gerou imensa corrupção nas comunidades judaicas, pois os dirigentes decidiam quem iria ser convocado, e os ricos pagavam para evitar a convocação de seus filhos;

5) tentativas de conversão forçada de judeus ao cristianismo, restrições à impressão de livros e jornais em hebraico e ídiche, proibição do uso desses idiomas na confecção de documentos;

6) “russificação” do ensino primário, por intermédio da criação de escolas “judaicas” especiais mantidas pelo governo, com diretores e professores cristãos, e perseguição às escolas judaicas tradicionais.

Por outro lado, a melhoria das condições de higiene no século XIX fez com que a situação se agravasse – a taxa de crescimento populacional da Europa explodiu, principalmente entre os judeus. A população judaica na Rússia, ainda confinada na Região de Assentamento, chegava a quatro milhões de indivíduos, não obstante a forte emigração para os Estados Unidos.<sup>4</sup>

Sujeitos a diversas restrições legais e vítimas de frequentes tentativas de interferência em seu modo de vida, as condições socioeconômicas dos judeus eram cada vez piores, em vista de crescentes dificuldades de obter trabalho e prover o próprio

---

<sup>3</sup> ETTINGER, 1997, p. 757.

<sup>4</sup> Movimento populacional que sofreu forte aceleração principalmente em decorrência dos *pogroms* que se seguiram ao atentado contra o czar Alexandre II, em 1881, e outro impulso significativo nos primeiros anos do século XX, quando ocorreu o *pogrom* de Kishinev (abril de 1903). As autoridades czaristas eram favoráveis à emigração, que era vista como uma forma de resolver o problema judaico. Ettinger (1997, p. 884) comenta que “Ignatyev declared at the beginning of 1882 that ‘the western border is open to the Jews’, *i.e.*, the authorities wanted as many Jews as possible to leave Russia”.



sustento; assim, os judeus sempre se sentiam discriminados pelo Império Russo e não confiavam em seus governantes.

Somente com a ascensão do czar Alexandre II ao trono, em 1855, que abriu a possibilidade de integração em várias esferas da vida russa, houve uma mudança de atitude de alguns judeus em relação ao regime. Algumas reformas importantes começaram a ser implementadas, mas atingiram uma fração muito pequena da população judaica e fracassaram em resolver os problemas das massas judaicas aglomeradas na Região de Assentamento, sem oportunidade para ganharem seu sustento – cerca de um quinto da população judaica vivia de caridade.

Entre as razões pelas quais as autoridades hesitavam em conceder direitos aos judeus estava a desconfiança que o regime sentia em relação a eles; na década de 1870, foram tomadas várias medidas dirigidas contra o “separatismo judaico”. Os judeus eram vistos como “estrangeiros” e “parasitas” que exploravam o povo russo.

Apesar das restrições, a presença judaica era cada vez mais notória; o rápido aumento do número de judeus nas instituições gerais de ensino, por exemplo, provocou o ressentimento de setores consideráveis da opinião pública russa; em 1880, artigo publicado em jornal de grande circulação descrevia o perigo que emanava do papel cada vez mais proeminente desempenhado pelos judeus na cultura e na vida pública russa.

A morte de Alexandre II em atentado em 1881 marcou o fim de até mesmo uma aparência de inclinações liberais; na verdade, abriu uma era de guerra declarada aos judeus. O fato de o czar ter sido assassinado por uma bomba, e de uma judia ter sido presa por envolvimento na conspiração, forneceu evidência suficiente para lançar a culpa sobre os judeus. No domingo de Páscoa de 1881, teve início uma onda de tumultos – tolerados pelas autoridades – que afetou mais de cem comunidades judaicas, tumultos que vieram a ser conhecidos como “tempestades do sul”. Além de pilhagens, ocorreram casos de assassinato e estupro. Os judeus, que acreditavam contar com a proteção das autoridades, se viram indefesos e, na maioria dos casos, não ofereceram resistência. Somente em Odessa, que havia aprendido a lição com o *pogrom* de 1871, houve tentativas de autodefesa lideradas por estudantes.

A partir da segunda metade da década de 1870, com a entrada de judeus em atividades industriais como operários, começou a emergir o movimento socialista judaico. Associações de trabalhadores judeus organizaram greves em várias cidades da Região de Assentamento. Passaram a circular jornais socialistas em hebraico e em ídiche, muitas vezes, impressos em gráficas clandestinas. Em outubro de 1897, representantes dos círculos socialistas judaicos se reuniram em Vilna e fundaram a *União Geral dos Trabalhadores Judeus na Lituânia, Polônia e Rússia*, conhecida em ídiche com *Der Bund*. Seu programa político, formulado nesse encontro, via como objetivo principal a guerra contra a autocracia czarista.



O *Bund* não se considerava propriamente um partido, mas parte da social democracia russa, que existia na forma de grupos e associações dispersos. Por causa de sua relativa força e organização, ele teve um papel importante na criação do Partido Social Democrata de Toda Rússia em março de 1898. Ettinger destaca que “não é coincidência que a primeira conferência do Partido tenha sido sediada em Minsk, cidade da Região de Assentamento na qual o Bund operava, e este tenha colocado à disposição do Partido uma gráfica ilegal”.

Mas cumpre registrar que desde o início as relações entre o *Bund* e o Partido Social Democrata foram tensas – no Segundo Congresso da social democracia russa, no verão de 1903, por exemplo, o *Bund* exigiu ser reconhecido como “único representante do proletariado judeu”; esta demanda encontrou a oposição da maioria, que rejeitou o princípio federativo na organização partidária, revogando o acordo alcançado no Primeiro Congresso, que estabelecera que o *Bund* entraria no partido como uma organização autônoma, independente em questões relativas à classe trabalhadora judaica. O curioso é que os principais oponentes do *Bund* nesta questão foram militantes judeus. Dos 45 delegados presentes ao evento, 25 eram judeus (entre os quais Trotsky e Martov), sendo 5 representantes do *Bund*.

A revolução que irrompeu na Rússia em fevereiro de 1917 pôs fim ao regime czarista e instalou uma república chefiada por um governo provisório. O novo governo logo aboliu as discriminações – entre as quais a própria Região de Assentamento – e outorgou aos judeus plena igualdade de direitos, criando uma atmosfera de liberdade que teve grande impacto sobre a comunidade judaica, que pela primeira vez nos anais do judaísmo russo era capaz de organizar sua vida de acordo com sua vontade e trabalhar por seus próprios objetivos.

Porém, a revolução bolchevista de outubro de 1917 impôs novas realidades. As relações entre as autoridades soviéticas e a comunidade judaica russa foram únicas, mesmo na movimentada história judaica. Por um lado, essas relações se baseavam nas intenções emancipatórias e igualitárias programáticas dos bolcheviques; por outro, iam de encontro às tendências assimilatórias imanentes dos bolcheviques, que reintroduziram métodos de russificação que acabaram por criar a base para um antissemitismo direto. Os preconceitos e hostilidade do passado foram fundidos com o que parecia ser inovação revolucionária; daí a intensidade e a tensão dialética desse desenvolvimento histórico.

Margulies observa que

o grupo judeu numericamente maior foi o mais passivo. [...] privados de qualquer ligação com as classes proprietárias, tornaram-se ávidos partícipes da sociedade soviética afluenta [...]. Forneceram à URSS os mais dedicados funcionários estatais e tomaram conta da burocracia em proporção que



superou de longe a porcentagem dos judeus entre a população geral.<sup>5</sup>

Como observa Paul Johnson, os judeus eram proeminentes no Partido Bolchevista, tanto nos altos escalões como entre os membros comuns: nos congressos do Partido, 15 a 20 por cento dos delegados eram judeus;<sup>6</sup> mas estes eram o que Isaac Deutscher denominou “judeus não-judeus”.<sup>7</sup>

Na verdade, os judeus comuns sofreram por causa do envolvimento judaico com o regime. Os bolcheviques judeus eram numerosos na Tcheká,<sup>8</sup> como comissários, inspetores fiscais e burocratas. Assumiram uma liderança nas incursões organizadas por Lenin e Trotsky para confiscar grãos aos camponeses. Todas essas atividades fizeram com que fossem odiados pela população.

Curiosamente, na mesma época, no Ocidente, o bolchevismo era muitas vezes visto como um assunto judaico. Na Alemanha, por exemplo, correntes de direita começaram a culpar os judeus pela derrota na Primeira Guerra Mundial. A despeito do elevado número de judeus no exército alemão e seu papel ativo no esforço de guerra, eles eram acusados de ter incentivado os trabalhadores e soldados a se revoltarem contra o Kaiser.

Assim, como muitas vezes aconteceu na história judaica na Rússia, os judeus foram atacados por razões contraditórias: por um lado, eram vistos como contrabandistas e mascates, antissociais; ao mesmo tempo, por outro, como opressores bolcheviques. Para os camponeses, o regime soviético e os intermediários judeus eram a mesma coisa.

---

<sup>5</sup> MARGULIES, 1871, p. 263.

<sup>6</sup> JOHNSON, 1988, p. 452.

<sup>7</sup> Seu famoso ensaio de 1968 foi publicado no Brasil em 1970 pela Editora Civilização Brasileira, no volume *O judeu não judeu e outros ensaios*. Deutscher criou a expressão “judeu não-judeu” para ser aplicada a si mesmo e a outros humanistas judeus. Sua definição de sua judeidade era: “Religião? Sou ateu. Nacionalismo judaico? Sou internacionalista. Portanto, em nenhum desses sentidos eu sou um judeu. Eu sou, no entanto, um judeu por força de minha incondicional solidariedade para com os perseguidos e exterminados. Sou um judeu porque sinto o pulso da história judaica; porque eu gostaria de fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para assegurar a real, não espúria, segurança e auto-respeito dos judeus”. Disponível em: <[http://www.wow.com/wiki/Isaac\\_Deutscher](http://www.wow.com/wiki/Isaac_Deutscher)>. Acesso em: 10 out. 2017.

<sup>8</sup> Em português “Comitê de Emergência” ou “Comissão Extraordinária”, foi a primeira das organizações de polícia secreta da União Soviética. Órgão de repressão das atividades contrarrevolucionárias, foi criada por decreto emitido em 20 de dezembro de 1917, por Vladimir Lenin.



Havia ameaças em 1922, por exemplo, de que, se os comissários tomassem ornamentos de ouro das igrejas, “nenhum judeu irá sobreviver; vamos matá-los todos durante a noite”.<sup>9</sup> As multidões percorriam as ruas gritando: “Bata nos judeus, salve a Rússia!”. Em 1926, houve até mesmo um ressurgimento de acusações de assassinato ritual. No entanto, arquivos soviéticos mostram que os judeus também temiam o regime: “a milícia é temida como o era o gendarme czarista”. Até o fim da guerra civil, no início de 1921, só na Ucrânia houve 1.236 *pogroms*, com mais de 31 mil mortos. A desconfiança dos judeus com relação aos seus concidadãos cristãos do Império russo chegou ao auge.<sup>10</sup>

As autoridades soviéticas, no entanto, desconfiavam dos judeus da mesma maneira, apesar da participação fundamental e convicta de tantos judeus na vitória da Revolução. Em agosto de 1919, todas as comunidades religiosas judaicas foram dissolvidas, suas propriedades confiscadas e a imensa maioria das sinagogas fechada para sempre.

Os “judeus não-judeus” eram associados com o trotskismo, acusados de traidores, antipatriotas. Os judeus socialistas, principalmente os antigos militantes do *Bund* – dissolvido pelos soviéticos –, eram tachados de cosmopolitas. Os simpatizantes de Israel eram acusados de sionistas, expressão que se tornou sinônimo de “forças do mal”, reacionárias e judias. Por fim, prolongou-se a imagem do judeu parasita, economicamente nocivo.

Dado esse panorama, a questão que me coloco é: como essa situação recíproca e ambivalente de estranhamento e cooperação, de desconfiança e expectativas redentoras, encontrou sua expressão na ficção de autores judeus do leste europeu?

## 1 Ilya Ehrenburg

Ilya Grigoryevich Ehrenburg, por exemplo, escritor russo nascido em Kiev, em 1891, em uma família judia de classe média e falecido em 1967, teve atuação política desde a Revolução de 1905. Ele escreveu poemas, diversos romances e grande quantidade de artigos políticos, num total de cerca de cem títulos, além de traduções. Durante a “guerra patriótica”, não hesitou em colocar sua pena a serviço da mobilização para o combate aos nazistas e à denúncia de seus crimes. Foi o primeiro a se referir a “seis milhões de mortos” judeus na *Shoah*.

Seu romance *O segundo dia da Criação*, publicado em 1932, descreve a epopeia da construção de uma usina siderúrgica em Kuznetsk como metonímia do gigantesco esforço de industrialização que caracterizou a construção da nova Rússia que emergia da Revolução. A temática judaica nesse romance é absolutamente irrelevante.

---

<sup>9</sup> JOHNSON, 1988, p. 453.

<sup>10</sup> MARGULIES, 1971, p. 262.



Refletindo a intensa mobilização provocada pelo projeto, o romance apresenta uma grande variedade de personagens, de várias etnias e classes sociais – operários, intelectuais, estudantes, dirigentes partidários. Entre todos estes, apenas dois judeus: o rabino Schwartzberg, enviado para Tomsk de Minsk, que “desde pela manhã até à noite amaldiçoava a mulher, o filho e a si próprio. Amaldiçoava Minsk e Tomsk. Amaldiçoava a Revolução e a vida”.<sup>11</sup> E o trambiqueiro Rosenfeld, cuja estada em Moscou fora interdita depois de especulações financeiras fraudulentas, e que estava em Tomsk por acaso. Rosenfeld, diz o narrador, “sabia como se embrulha um inspetor de finanças, mas não podia compreender que a Revolução estava ali”,<sup>12</sup> e “traficava com tudo: com os bens do Estado, com os sorrisos da própria filha, com o talão do Partido do filho, e com agasalhos de contrabando. Já passara quatro vezes pela Tcheká.”<sup>13</sup>

Ambos são personagens muito secundárias. O rabino e o trambiqueiro, com suas respectivas famílias, surgem do nada e mal merecem uma página do romance cada um, para logo desaparecerem sem deixar rastros. Estereótipos. Poderiam ser excluídos do romance sem qualquer prejuízo para a narrativa. Em comum, somente o fato de não participarem da construção da Usina, ou seja, metaforicamente, da reconstrução da pátria.

Judeu não-judeu, em *O segundo dia da Criação*, de Ilya Ehrenburg, não obstante sua solidariedade para com os judeus, apresenta-os como isolacionistas religiosos, marginais, indiferentes à luta social do povo russo.

## 2 Lamed Shapiro

Lamed (Levi Yehoshua) Shapiro nasceu na Ucrânia em 1878 e emigrou para os Estados Unidos em 1906, onde militou no Partido Comunista. Publicou desde os 25 anos, deixando um acervo de oito livros, entre contos e romances, todos escritos em ídiche. O *pogrom* foi um de seus temas favoritos.

Seu conto “Halá<sup>14</sup> branco”, publicado em 1919, em Varsóvia, ilustra a forma como os judeus russos se viam representados pelas massas cristãs e conviviam com a permanente ameaça de ocorrência de *pogroms*.

Aos sete anos de idade, Vassil, o protagonista, era capaz de chorar à vista de um cão com a perna fraturada por uma pedrada. Ainda em criança, observa com espanto que em sua aldeia vivem, “uma gente que usava roupas estranhas, ficava nos armazéns, comia *halá* branca” e, conforme ouvia dizer, “vendera Cristo”.<sup>15</sup> Não entende isso. “O

---

<sup>11</sup> EHRENBURG, 1974, p. 50.

<sup>12</sup> EHRENBURG, 1974, p. 142.

<sup>13</sup> EHRENBURG, 1974, p. 142.

<sup>14</sup> Pão feito para o *shabat* e para as festividades.

<sup>15</sup> SHAPIRO, 1966, p. 178.



último ponto não era muito claro: quem era Cristo, por que os judeus o venderam, quem o comprara, e com que propósito? – Tudo parecia como que num nevoeiro.” Ao longo do conto, a perplexidade de Vassil em relação ao mundo se expressa como perplexidade em relação à linguagem. As palavras o espantam.

Ao crescer, Vassil é convocado para o exército, no qual as pancadas eram correntes, “o cabo, o sargento e os oficiais espancavam os praças, os praças espancavam-se uns aos outros”. Um treinamento para o exercício da violência. Em seu regimento havia alguns judeus. Nas fardas e sem *halá* branco, “pareciam quase como todo mundo”. Apenas, continuavam a ser os “judeus que haviam vendido Cristo”.<sup>16</sup>

Começa a guerra – o autor não deixa claro de qual guerra se trata, provavelmente a Primeira Guerra Mundial; talvez sua intenção seja mesmo de capturar o conceito de guerra, sem referentes históricos, mas não nos cabe especular sobre as intenções do autor –, e Vassil percebe que os judeus morrem da mesma forma que os não judeus. Presencia atos heroicos praticados por judeus, como no trecho:

Formações inteiras foram ceifadas, era impossível manter-se na posição. Então, Nahum Rachek, um rapaz alto e magro, [...] saltou e sem ordem alguma disparou para a frente. Isso deu novo ânimo aos homens atordoados, que se lançaram pela escarpada colina à esquerda e praticamente com as mãos nuas tomaram as baterias que orientavam a artilharia inimiga. [...] Mais tarde verificou-se que da companhia só restavam Vassil e Nahum Rachek.<sup>17</sup>

Esse ato de heroísmo e o convívio pessoal mais próximo com Nahum que se seguiu não são suficientes para que Vassil reavalie sua apreciação dos judeus. Pelo contrário. Quando o exército começa a recuar e “alguém disse que tudo aquilo era culpa dos judeus”,<sup>18</sup> Vassil incorpora essa acusação imediatamente, sem vacilar, sem qualquer reflexão: “Novamente os judeus! Venderam Cristo, comem *halá* branco e, além do mais, são culpados de tudo. O que era ‘tudo’? Vassil enrugou a testa e sentiu raiva dos judeus e de alguém mais”.

Pouco depois, Rachek é morto por uma bala inimiga. À noite, Vassil, em estado de choque, tem dificuldade para adormecer. É perturbado por sentimentos ambivalentes a respeito dos judeus. “Em certo momento, saltou em pé e começou a correr para a frente, mas lembrou-se então que Rachek estava morto e, desalentado,

---

<sup>16</sup> SHAPIRO, 1966, p. 178.

<sup>17</sup> SHAPIRO, 1966, p. 179-180.

<sup>18</sup> SHAPIRO, 1966, p. 180.



retornou à enxerga. Os judeus... traidores... venderam Cristo... trocaram-no por uma canção.”<sup>19</sup>

Panfletos antissemitas começam a circular livremente entre as tropas, distribuídos por homens à paisana encorajados pelos oficiais. Discursos inflamados repetem a acusação de traição contra os judeus e lançam o *slogan* “O governo judeu”. A discriminação contra os judeus se agrava. Primeiro, os praças judeus são reunidos e despachados, ninguém sabe para onde. Na sequência, os judeus habitantes das cidadezinhas fronteiriças vão sendo expulsos pelas legiões famintas e endoidecidas.

“Uma voz disse: – Vamos pegá-los”, iniciando um sanguinário *pogrom*. A princípio, Vassil hesita, se contém

mas o grito agudo das mulheres e crianças e as fisionomias repulsivas, aterrorizadas, dos homens, com seus longos cachos laterais e caftãs esvoaçando ao vento, impeliram-no a um frenesi, e ele investiu contra os judeus como um touro desvairado.<sup>20</sup>

De novo sem refletir, adere ao *pogrom*. Por fim, após dois dias sem comer nem dormir, Vassil, com um breve murro, rebenta a fechadura e invade o casebre de uma família judia, exigindo comida. A invasão não provoca qualquer reação por parte dos judeus, resignados. “Que espécie de gente era aquela? Deus! Por quê, por que foram vender Cristo? Além do mais, responsáveis por tudo! Até Rachek o admitia. E eles se limitam a ficar quietos, olhando através de você.”<sup>21</sup>

Vassil pega o homem pelos tornozelos, levanta-o no ar e o esmaga de encontro à mesa. Estupra a mulher.

– Feiticeira – disse entre dentes. Torceu-lhe o nariz como um parafuso. Ela deu um grito estridente, curto, mecânico, anormalmente alto, como o silvo de uma máquina. O grito, penetrando seu cérebro, o enlouqueceu por completo. Ele ferrou-lhe o pescoço e a estrangulou.<sup>22</sup>

Morde a carne branca da mulher imaginando estar comendo *halá* branco. A violência se autoalimenta. Encerrando o conto, o *pogrom* é referido pelo narrador como uma cerimônia de sacrifício religioso:

Pilares de fumaça e pilares de fogo elevaram-se para o céu da cidade inteira. Belo era o fogo no grande altar. Os gritos das vítimas – longos, estirados, intermináveis gritos – eram doces

<sup>19</sup> SHAPIRO, 1966, p. 181.

<sup>20</sup> SHAPIRO, 1966, p. 183.

<sup>21</sup> SHAPIRO, 1966, p. 185.

<sup>22</sup> SHAPIRO, 1966, p. 185.



aos ouvidos de um deus tão eterno como o Eterno Deus. E as partes tenras, as coxas e os peitos, eram a porção do sacerdote.<sup>23</sup>

### 3 Isaac Bábel

Outro importante escritor russo do século XX, também ele “judeu não-judeu”, Isaac Emanuélovitch Bábel, nasceu em 1894 na Ucrânia, filho de uma família judaica de baixa classe média. Frequentou escolas religiosas, estudando o ídiche, a Bíblia e o Talmude. Comunista militante, lutou na Primeira Guerra, serviu como intérprete na Tcheká, em 1918, durante a Guerra Civil, participou de expedições de requisição de cereais e, em 1920, durante a guerra russo-polonesa, atuou como correspondente de guerra acompanhando o Primeiro Exército de Cavalaria.

Essa última vivência inspirou-o a escrever contos em que o narrador, Kiril Lyutov, é um jovem oficial judeu, nitidamente um *alter ego* do autor; publicados na revista LEF, dirigida por Maiakóvski, foram mais tarde (1926) reunidos em livro, sob o título *O exército de Cavalaria*.

Acusado de só ver os aspectos negativos da vida, Bábel caiu em desgraça. Em 1939, acusado de participação em uma conspiração, foi preso e fuzilado no ano seguinte ou em 1941. Sua reabilitação começou somente em 1954, com o fim do stalinismo; marcando esse evento, em 1957 foi publicado um volume de suas obras escolhidas, com introdução de Ilya Ehrenburg, o que abriu caminho para uma série de outras edições, na União Soviética e no mundo.

Em algumas das narrativas de *O exército de Cavalaria*, Bábel descreve o que observou a respeito das expectativas ambíguas dos judeus em relação à Revolução.

O conto “Guedáli”, por exemplo, relata uma longa conversação, na véspera do *shabat*, entre o narrador e o protagonista, judeu morador de Jitómir.<sup>24</sup>

Antes de encontrar Guedáli, o narrador – lembre-se que o autor é natural da Ucrânia – entregara-se à “densa tristeza das recordações”, sua infância numa família judia tradicional, junto aos avós observantes:

Naquelas noites, no passado, meu avô acariciava com sua barba amarela os volumes de Ibn Ezra. A vovó, com uma touca bordada na cabeça, tirava a sorte com seus dedos nodosos à luz do círio do sábado e soluçava suavemente. Meu coração de criança, naquelas noites, era embalado como um barco sobre ondas encantadas...<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> SHAPIRO, 1966, p. 186.

<sup>24</sup> Cidade no noroeste da Ucrânia.

<sup>25</sup> BÁBEL, 2006, p. 55.



Expressando o conflito entre a tradição e os novos tempos, Guedáli diz: “— A Revolução? Nós diremos sim a ela. Mas e ao *shabat*, por acaso teremos que dizer não ao sabá?”<sup>26</sup>

Mais adiante, o protagonista manifesta sua ambivalência ante os lados em luta:

— Mas o polonês estava atirando, meu caro *pan*, porque ele era a contra-revolução. E vocês atiram porque são a Revolução. Mas a Revolução é alegria. E a alegria não gosta de ter órfãos pela casa. O homem bom faz boas obras. A Revolução é uma boa obra de homens bons. Mas os homens bons não matam. Então, quer dizer que quem faz a Revolução são os homens maus. Mas os poloneses também são homens maus. Quem dirá a Guedáli de que lado está a Revolução e de que lado está a contra-revolução?<sup>27</sup>

Por fim, Guedáli sintetiza suas expectativas:

Traga-nos homens bons e nós entregaremos a eles todos os nossos gramofones. Nós não somos ignorantes. A Internacional... nós sabemos o que é a Internacional. E eu quero uma Internacional de homens bons. E eu quero que cada alma esteja na lista e que cada alma tenha direito a uma ração de primeira classe.<sup>28</sup>

O conto “O filho do rabino”, também de Isaac Bábel, e publicado na mesma coleção, por fim, promove uma conciliação, uma tentativa de síntese entre os elementos positivos da tradição e a ideologia revolucionária.

Iliá, único filho do rabino de Jitómir, “príncipe herdeiro” da dinastia rabínica, primeiro esconde sua filiação ao Partido por respeito à mãe; mas quando sua letra é sorteada segue para o *front* sem vacilar; assume o comando de um regimento recém-formado e mal-equipado, e morre,<sup>29</sup> “entre versos, filactérios e *peiot*”. Em seu baú, marcando o sincretismo, “uma mecha de cabelos femininos servia de marcador num livro com as deliberações do Sexto Congresso do Partido, e nas margens das páginas comunistas apertavam-se as linhas tortuosas de antigos versos hebraicos”. O narrador vivencia o momento da morte de Iliá em sua condição de judeu: “Nós o enterramos numa estação perdida. E eu, que mal posso conter no corpo decrépito as tempestades da minha imaginação, eu recebi o último suspiro do meu irmão”.

---

<sup>26</sup> BÁBEL, 2006, p. 56.

<sup>27</sup> BÁBEL, 2006, p. 57.

<sup>28</sup> BÁBEL, 2006, p. 58.

<sup>29</sup> BÁBEL, 2006, p. 205.



## Conclusão

Os exemplos citados, sem esgotarem o *corpus* da literatura ficcional de autoria de escritores judeus desde pouco antes até depois da Revolução, mostram que, por um lado grande número de judeus russos partilhava das expectativas da população, e se engajou ativamente nas atividades revolucionárias; mas, por outro, um histórico secular de discriminações e hostilidade justificava uma postura de desconfiança, fazendo com que receassem uma aproximação maior.

Encerro esse artigo transcrevendo trecho de entrevista com a *partisan* Anna Ióssifovna Strumílina, recolhida por Svetlana Aleksievitch em *A guerra não tem rosto de mulher*, publicado pela Companhia das Letras em 2016, em que a entrevistada lembra vivências da Segunda Guerra Mundial, ilustrando a situação que ainda na década de 1940 perdurava entre os judeus e a população russa hegemônica:

Veja só que coisa! Eu não teria tomado essa decisão. Eu mesma não. Não teria decidido... Mas... Nos disseram... Que os alemães tomaram a cidade, e eu descobri que sou judia. Antes da guerra, todos vivíamos de forma amigável: russos, tártaros, alemães, judeus... Éramos iguais. Veja só que coisa! Nunca tinha sequer escutado a palavra *jid* porque vivia com meu pai, minha mãe e meus livros. Viramos uns leprosos, nos expulsavam de todos os lugares. Tinham medo de nós. Alguns de nossos conhecidos até pararam de nos cumprimentar. Os filhos deles não nos cumprimentavam. E os vizinhos nos diziam: "Larguem suas coisas aí, vocês não vão precisar mais delas mesmo". Antes da guerra éramos amigos deles. Tio Volódia, tia Ánia... Que coisa!<sup>30</sup>

## Referências

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BÁBEL, Isaac. *O exército de cavalaria*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- EBAN, Abba. *My people: The story of the Jews*. New York: Behrman House, Random House, 1968.
- EHRENBURG, Ilya. *O segundo dia da Criação*. Trad. Alfredo Ferreira. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.

---

<sup>30</sup> ALEKSIÉVITCH, 2017, p. 91.



ETTINGER, Shmuel. The Modern Period. In: BEN-SASSON, Haim Hillel (Org.). *A History of the Jewish People*. Trad. George Weidenfeld and Nicolson Ltd. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

GUINSBURG, Jacó (Org.). *O judeu e a modernidade*. São Paulo, Perspectiva, 1970.

JOHNSON, Paul. *A History of the Jews*. New York: Harper Collins Publishers, 1988.

KIRSCHBAUM, Saul. A Revolução de Outubro e a Questão Nacional Judaica. In: COGGIOLA, Osvaldo; ZAGNI, Rodrigo M. (Org.). *Revolução Russa: uma jovem de 90 anos [1917-2007]*. São Paulo: FFLCH/USP, 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Trad. Paul Albert Simon. Campinas: Papirus, 1998.

MARGULIES, Marcos. *Os judeus na história da Rússia*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.

ROSENFELD, Anatol *et al* (Org.). *Entre dois mundos*. São Paulo: Perspectiva, 1967.

SHAPIRO, Lamed. Halá Branco. In: GUINSBURG, Jacó (Org.). *O conto ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1966. p. 177-187.

-----

Recebido em: 09/08/2017.

Aprovado em: 09/10/2017.